

Francisco Sousa Neto

F.C.T. / Universidade Aberta

Eça, Doudan e Agualusa: diferentes modalidades de viagem

Qu'est-ce qu'en général qu'un voyageur? C'est un homme qui s'en va chercher un bout de conversation au bout du monde.

(Barbey d'Aurevilly)

Debruçar-se sobre Fradique Mendes, personagem da lavra exclusiva do autor d' *Os Maias*, implica abordar obrigatoriamente temáticas como dandismo e vida elegante, cosmopolitismo e erudição, descrença no mundo moderno, busca da autenticidade no campo, regresso ao Portugal pitoresco e, da mesma forma, viagem e diletantismo.

Partindo desta consideração, o objectivo fundamental deste estudo será constatar que a viagem se revela preponderante, ainda que em diferentes escalas e modalidades, tanto para o Fradique eciano, como para uma das fontes nas quais Eça se inspirou ao (re)criar o poeta-dândi e para uma das reinvenções contemporâneas da mítica personagem. Fixar-nos-emos, deste modo, nas similitudes e divergências das viagens empreendidas pelas três figuras que a seguir se indicam:

1) Por um lado, a personagem de Carlos Fradique Mendes que emerge na obra *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900) da autoria de Eça de Queirós (1845-1900), figura apresentada, na imprensa periódica, ao público português e brasileiro, a título individual, ou seja, enquanto personagem exclusivamente eciana, a partir de 1888, após os episódios em que o envolveram colectivamente algumas personalidades da geração de Eça de Queirós e que passamos a relembrar: a) o surgimento da personagem de Carlos Fradique Mendes, em 1869, no seio do “querido e absurdo Cenáculo” (Queirós, s/da: 267), pela mão

de Antero de Quental, Eça de Queirós e Jaime Batalha Reis, com contornos de poeta satânico, de quem são publicados uma biografia fictícia e poemas apócrifos (na *Revolução de Setembro* de 29 de Agosto e n' *O Primeiro de Janeiro* de 5 de Dezembro); b) o reaparecimento da personagem enquanto um “epítome do dandismo oitocentista” (Dacal: 350), no romance *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870), escrito por Eça de Queirós em parceria com Ramalho Ortigão.

2) Por outro lado, a figura de Ximénès Doudan (1800-1872), personalidade pública verídica que viveu no contexto histórico da França da Monarquia de Julho ao Segundo Império e que foi autor de um vasto conjunto epistolar, coligido e publicado postumamente por admiradores seus, sob o título de *Mélanges et Lettres*. A discreta existência deste autor, actualmente desconhecido e cujo renome se limitou a “un cercle restreint d'honnêtes gens et d'amis” (Thérive: 11), conheceu um único acontecimento importante: a entrada, em 1825, como preceptor, na família Broglie, onde teve a seu cargo a educação de Louis-Alphonse de Rocca (criança resultante do segundo casamento de Madame de Staël) e, mais tarde, de Pauline, Louise e Albert de Broglie. Este “cargo” de preceptor permitiu-lhe desempenhar funções sociais, políticas e intelectuais, entre as quais destacamos: a sua presença, durante mais de quarenta anos, no salão da duquesa de Broglie, filha de Madame de Staël,¹ onde se distinguiu como um homem de espírito, e de cultura; a sua função de chefe de gabinete do duque de Broglie, no âmbito dos ministérios Thiers e Guizot, na sua passagem pelo Ministério da Instrução Pública e pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros (em 1832).²

¹ Terá sido nesse salão – frequentado por uma sociedade escolhida: liberais, antigos *habitués* do salão de Madame de Staël (La Fayette, Lamartine, Benjamin Constant, Mathieu de Montmorency), os doutrinários (Royer-Collard, Charles de Rémusat, Victor Cousin, Villemain), Barante, Guizot, Mole, Decaze, M^{me} de Sainte-Aulaire, M^{me} de Catellane e M^{me} Anisson-Duperron, bem como estrangeiros (sobretudo suíços e ingleses) – que Doudan conheceu Rossi e o crítico alemão August-Wilhelm Schlegel. Este último, antigo preceptor, em questões de literatura, dos filhos de Madame de Staël, foi correspondente de Doudan desde a visita que este lhe fez, em Bona, na sua casa, em Agosto de 1834, na companhia do duque e duquesa de Broglie, até ao ano da sua morte (1844).

² A correspondência de X. Doudan, que Eça terá lido aquando de uma estada na Bretanha em 1866, aparece citada pelo narrador-biógrafo das “Memórias e notas”

3) E, por fim, o Fradique reinventado, em contexto pós-colonial, pelo escritor angolano José Eduardo Agualusa (1960-) no romance epistolar *Nação Crioula. A Correspondência Secreta de Fradique Mendes* (1997).

A abordagem comparatista das duas personagens fictícias – o Fradique d’ *A Correspondência [...]* e o Fradique de *Nação Crioula* – e da figura real de Doudan centrar-se-á inevitavelmente no vulto que funciona como elo de articulação entre os três “epistológrafos”, a saber, o Fradique eciano.

O poeta das “Lapidárias” aparece caracterizado, em ambas as ‘peças’ do texto eciano – o estudo biográfico “Memórias e notas” e as “Cartas” imaginárias – como um inveterado viajante cosmopolita que gosta de percorrer incessantemente locais exóticos, conforme testemunha o seguinte trecho:

Fradique, livre e rico, saíra do Quartier Latin a começar uma existência soberba e fogosa. Com um ímpeto de ave solta, viajara logo por todo o mundo, a todos os sopros do vento, desde Chicago até Jerusalém, desde a Islândia até ao Sara. Nestas jornadas, sempre empreendidas por uma solicitação da inteligência ou por ânsia de emoções, achara-se envolvido em feitos históricos e tratara altas personalidades do século. (Queirós, s/da: 16-17)

no sentido de justificar e autorizar a publicação das cartas de Fradique, personagem hiperbolicamente obcecada pela perfeição formal e peremptoriamente declinadora dos actos de escrever e publicar. Para este propósito terá contribuído a sua firme convicção de que “Ninguém sabe escrever!” (Queirós, s/da: 105), pois “Só se podem produzir formas sem beleza: e dentro dessas mesmas só cabe metade do que se queria exprimir, porque a outra metade não é redutível ao verbo” (*Idem*: 106). Já as cartas “escapam às preocupações estéticas que torturavam Fradique [...] insusceptíveis, por isso, de perturbarem postumamente a imagem do escritor” (REIS/MILHEIRO: 49). O próprio Fradique tecera o seguinte comentário quando o narrador lhe falou da Correspondência de Doudan, que o poeta das “Lapidárias” já lera: “Eis aí uma maneira de perpetuar as ideias de um homem que eu afoutamente aprovo – publicar-lhe a correspondência! Há desde logo esta imensa vantagem: – que o valor das ideias (e portanto a escolha das que devem ficar), não é decidido por aquele que as concebeu, mas por um grupo de amigos e de críticos, tanto mais livres e mais exigentes no seu julgamento, quanto estão julgando um morto que só desejam mostrar ao Mundo pelos seus lados superiores e luminosos.” (Queirós, s/da: 108)

Quando José Eduardo Agualusa, integrado na prática pós-moderna do revisionismo, leva a cabo a sua revisão pós-colonial do volume *A Correspondência de Fradique Mendes* de Eça de Queirós, recupera a faceta de viajante compulsivo do dândi queirosiano, como parecem corroborar as seguintes passagens:

Fui nómada a vida inteira. Atravessei metade do mundo, desde Chicago até à Palestina, desde a Islândia até ao Sahara e nunca soube dar um nome a essa errância aflita. (Agualusa: 42)

(...) com alguma largueza venho percorrendo o globo. (*idem*: 20)

A utilização do tema da viagem em ambas as aparições do excêntrico dândi encontra também justificação na própria génese de *Nação Crioula*. De facto, a obra de José Eduardo Agualusa pretenderia preencher uma lacuna deixada pelo texto queirosiano quando o narrador-editor-biógrafo menciona no início d' *A Correspondência de F. M.* ter conhecido Fradique “justamente na semana em que ele regressara da sua viagem à África Austral” (Queirós, s/da: 7), nada acrescentando sobre essa prolongada aventura³. Este hiato surge associado no interior da ficção queirosiana à recusa de Fradique escrever sobre a sua viagem a África, pois não poderia apresentar “conclusões que por alterarem o curso do pensar contemporâneo valesse a pena registar” (*idem*: 104). Adoptando *A Correspondência de Fradique Mendes* como modelo e inspiração, o autor de *Um Estranho em Goa* apropria-se das viagens do poeta das “Lapidárias” a África e imagina episódios das mesmas, centrando-se no triângulo Angola-Brasil-Europa, o que lhe permite relatar, sob a forma epistolar, uma parte da vida de Fradique passada em África e no Brasil.

Contrariamente à “existência soberba e ferosa” e ao “ímpeto de ave solta” comum ao herói de *Nação Crioula*, um “inquieto aventureiro”

³ Conforme indica o subtítulo, o romance deveria conter a correspondência secreta de Fradique, que Eça não pôde publicar – e que a Ana Olímpia confiara ao escritor no ano da sua morte, de acordo com a última missiva do romance de Agualusa, remetida por Ana Olímpia ao autor d' *Os Maias*.

(Agualusa, 1997: 76), e ao protagonista d' *A Correspondência de Fradique Mendes*, um “andador de continentes” (Queirós, s/d1: 109), o epistológrafo francês citado nas “Memórias e notas” apresenta uma mobilidade bastante reduzida. Na verdade, quando abandonava a sua residência em Paris, Doudan fixava-se em Coppet, Broglie ou Gurcy, pequenas localidades da Suíça, por imaginar que a sua saúde não lhe permitiria grandes deslocações. Além disso, nas suas missivas, Doudan queixa-se frequentemente da mudança constante de casa e, com o avançar da idade, sente ainda mais receio de viajar. Não obstante os reiterados apelos dos amigos à viagem (e o desejo que ele próprio sentia de o fazer), o letrado francês só terá visitado a Itália, a Suíça e a Alemanha, estando longe de igualar a dimensão universalista da digressão fradiquiana.

Para colmatar a sua parca predisposição para a viagem, Doudan – homem ávido de leituras (apelidado de “rato de biblioteca”), de emoções e de sentimentos como a admiração, o elogio, a amizade, o convívio, por vezes, escrito, ... – refugia-se na leitura e na escrita, muitas vezes coadjuvadas pela memória. Quando não pode viajar, Doudan lê ou escreve, assumindo ele próprio possuir uma “rage de voyages (de voyages qu'on lit au coin du feu, s'entend)” (*ML*, II: 10)⁴. Essa raiva, esse ímpeto leva-o a ler tudo o que se refere a viagens: diários de viagens, como o de Joseph d'Estourmel; a *Correspondance de Victor Jacquemont et sa famille pendant son voyage dans l'Inde*, publicada por Cuvillier-Fleury (cf. *ML*, III: 419); artigos de revistas sobre outros destinos⁵; passagens de romances que remetem para deslocações ou lhe lembram determinados lugares, como é o caso do romance *Nouveau Candide* de Spach, relativamente ao qual Doudan salienta uma pintura da vida de Roma (cf. *ML*, II: 29-30).

Por outro lado, muitas das suas cartas dão, igualmente, conta do interesse que lhe suscitam as viagens de conhecidas figuras reais ou

⁴ As citações da obra *Mélanges et Lettres* de Ximénès Doudan, inteiramente referenciada na Bibliografia, surgirão identificadas, entre parêntesis, pela sigla *ML*, seguida apenas da indicação do volume citado (em numeração romana) e da página respectiva.

⁵ A releitura de um artigo de J.-J. Ampère sobre a Grécia, publicado na *Revue des Deux-Mondes*, faz com que se sinta no próprio lugar (cf. *ML*, II: 27-28).

literárias. Neste âmbito, o preceptor da família Broglie refere-se à presença de Langsdorff nas Américas (*ML*, II: 36), segue nos jornais a correspondência do Capitão d'Urville e de Arago sobre a viagem projectada ao Pólo Ártico (*idem*: 32). Em 1840, mergulha no Oriente através da releitura do *Itinéraire* de Chateaubriand e de autores como Lamartine e de Michaud (*idem*: 64, 135). Em 1841 permite-se ler em voz alta – algo quase inimaginável tendo em conta a sua excessiva discrição e reserva – uma passagem da *Nouvelle Héloïse* de Rousseau, em que Saint-Preux regressa a Clarens depois da sua viagem à volta do mundo.

Além disso, no epistolário de Doudan encontram-se inúmeras alusões às excursões empreendidas pelos seus viajados amigos⁶. Apesar de não os acompanhar, o autor de *Mélanges et Lettres* seguia de perto os preparativos para a viagem e o trajecto da mesma, ajudando-os a escolher a leitura que me mais se adequava a determinada jornada⁷ e sugerindo-lhes mesmo que elaborassem narrativas de viagem, um pouco à semelhança das crónicas sobre Portugal que o Fradique eciano

⁶ É através das cartas do secretário do duque de Broglie que tomamos conhecimento das múltiplas deslocações dos seus correspondentes e amigos. Os d'Haussonville vão, em 1844, ao Oriente (Grécia – *ML*, II: 32 e *ML*, III: 142 –, Syra e Constantinopla – *ML*, III: 43) e, em 1863, ao Egipto (*idem*: 375). Albert de Broglie foi secretário da embaixada em Madrid e, posteriormente, em Roma, onde Raulin, amigo e correspondente de Doudan, terá ido visitá-lo, em 1846, tendo encontrado também Henri Béarn e a Princesa de Broglie (*ML*, II: 92-95). O duque de Broglie foi enviado a Londres como embaixador, em 1847 (Doudan não o acompanhou), havendo referências à sua passagem pela Escócia (*idem*: 125, 131). Em 1858, Albert aparece na Argélia (*ML*, III: 466). Marie de Sainte-Aulaire desloca-se, em 1869, a Génova, na Itália (*ML*, II: 486-487). A longa viagem de M. Gavard pela Alemanha causa admiração a Doudan, a ponto de afirmar, numa carta dirigida à irmã, Mademoiselle Gavard: “Je lui envie sa faculté de voyager sans trouble avec une santé délicate” (*idem*: 503). Paul de Broglie terá empreendido uma longa viagem, passando pelo Panamá, em 1855 (Doudan, 1879, vol, III: 128), pela Polinésia Francesa (O’Taïti), em Fevereiro de 1859 (*ML*, III: 467), pelo Chile, em Março do mesmo ano (*idem*: 473) e pela Nova Caledónia, em Julho (*idem*: 483).

⁷ Repare-se, por exemplo, no conselho que dá a Raulin, aquando da sua viagem a Itália: “Avez-vous médité sur le choix du grand écrivain qui doit vous nourrir de grandes et fortes pensées entre Paris et Rome? Un poète et un roman, voilà ce qu’il faut” (*ML*, II: 83).

escreve à sua madrinha, Madame de Jouarre⁸. Todo este processo de acompanhamento e partilha permite a Doudan, mesmo sem se deslocar fisicamente, “viajar” com os seus correspondentes, tornando-se tão conhecedor desses sítios como os que estiveram *in loco*. É a convicção desse facto que o leva, por exemplo, a propósito das viagens de Paul de Broglie “au fond du sud” (ML, IV: 12) – Panamá, em 1855, Polinésia Francesa (O’Taïti), em Fevereiro de 1859, Chile, em Março do mesmo ano e Nova Caledónia, em Julho – a afirmar:

Quand il me plaira, je me ferai passer auprès des Espagnols pour un vieux voyageur qui a passé sa vie dans le nouveau monde. (ML, III: 473)

Paralelamente, a (re)leitura de textos literários permite a Doudan imaginar-se em determinados locais ou recordar viagens já realizadas⁹. Neste âmbito, podemos constatar que o letrado gaulês encara a ligação entre a literatura e o mundo sob o signo da reciprocidade, uma vez que, a par das viagens facultadas pela leitura de obras literárias, ele considera que “le monde du dehors est comme un livre qu’on lit sans en connaître les mots bien distinctement” (ML, II: 477).

A facilidade do preceptor dos Broglie viajar através das obras literárias e o modo como sintetiza a relação entre a literatura e o grande

⁸ De facto, o pedido que Doudan faz a “M. Raulin de faire tous les jours une petite chronique de Rome” (ML, II: 96) poderá ter inspirado a promessa que Fradique faz a Madame de Jouarre – colecionadora de *Tipos* com “maliciosa paciência” (Queirós, s/da: 207) – de traçar um retrato de “Portugal em “descrições, notas, reflexões e panoramas” (*idem*: 153), ou seja, desenhar “paisagens e quadros de costumes” (Queirós, 2008, vol. I: 263), como Eça refere em carta a Oliveira Martins, datada de 10 de Junho de 1885.

⁹ Tácito (ML, I: 300-301, 305) e Lalande (*idem*: 413-414) facilitam-lhe a recordação da viagem que fez à Itália; através da leitura de Horácio, imagina-se na Roma antiga: “A cette distance, Rome est belle comme les villes qu’on croit voir dans les nuages du coucher du soleil par un jour d’automne” (ML, II: 70). Além disso, as numerosas leituras de Doudan permitem-lhe realizar-se enquanto homem de letras e combater a tristeza dos seus dias: “La vie d’un Homme de lettres est dans ses œuvres et dans ses lectures quand il ne compose pas grand’chose.” (ML, III: 32-33); “Cette grande lecture peut remplir ce triste et vaste mois de septembre à Paris.” (ML, II: 505 – a propósito das *Mémoires* de Sainte-Beuve sobre Chateaubriand).

livro do mundo terão eventualmente contribuído para comentário do Fradique d' *A Correspondência* – em carta de 1888, dirigida ao narrador e citada nas “Memórias e notas” – segundo o qual Doudan era “um espírito naturalmente limitado, que desde novo se entranhou no doutrinário da escola de Genebra, e que depois, caído em solidão e doença, só pelos livros¹⁰ conheceu a Vida, os Homens e o Mundo” (Queirós, s/da: 108).

No entanto, tanto a leitura como a escrita, imprescindíveis e estreitamente interligadas no *modus vivendi* do letrado francês, proporcionam-lhe outros tipos de “viagens” além daqueloutro que lhe permite imaginariamente conhecer ou recordar pontos diversos do planeta. Por um lado, a leitura assume-se, na vivência de Doudan, como forma de “partida” para múltiplas digressões: o viajar com as cartas dos seus conhecidos e amigos; as divagações do seu espírito¹¹; a ‘deslocação’ efectuada, com a ajuda da imaginação e da sua prodigiosa memória literária, com personagens de romances que leu e a experiência de todo o lado sentimental, artístico, criativo que vem desse cosmos literário. Por outro lado, a escrita surge como forma de partilha das impressões de uma viagem, como modo de relato de um trajecto realizado por ele ou por um amigo, como meio de aconselhamento da leitura que mais se ajuste ao local visitado pelo seu interlocutor.

Se tivermos em conta que estas duas modalidades – recepção e expressão escrita – se afirmam como elementos criadores de virtuais impressões de viagem, facilmente depreenderemos que, em ambas as situações, a viagem ganha uma vertente que ultrapassa – ou nem atinge sequer – a deslocação física, uma vez que se caracteriza por uma imobilidade e por um estatismo consideráveis. Com efeito, sem deixar a quietude do seu “coin du feu”, Doudan consegue experimentar o “caso-

¹⁰ Nós acrescentaríamos: “[e pelas cartas dos seus viajados amigos]”.

¹¹ Doudan reconhece e autocritica essas digressões em vários passos da sua correspondência. Considerando as suas cartas “du fatras” (*ML*, III: 339), o epistológrafo francês tece não raro reflexões sobre a sua construção: “Je ferai mieux de vous donner des nouvelles [...] que de commencer une dissertation qui vous amuserait médiocrement” (*idem*: 317), “Voilà encore une quasi dissertation sur laquelle je m’égare” (*idem*: 319), “Quel grimoire que mon écriture et ce que je vous dis!” (*ML*, IV: 316).

limite [...] [da] metamorfose cultural [que] é o da viagem imóvel – a *mise en scène* do eu num espaço feito de palavras” (Machado/Pageaux: 33), na qual tem o apoio da leitura, da imaginação e do sonho, funcionando a escrita como um elemento de transmissão e de concretização final dessa *mobilidade fixa*.

Para efectuar as diferentes modalidades desta “viagem imóvel” ou estática, além do evidente recurso à literatura, não poderíamos deixar de focar o papel da imaginação na ordenação e exteriorização das várias “excursões”, todo este processo comandado pela “solicitação da inteligência” (Queirós, s/da: 17), que estava, de igual modo, na origem das jornadas efectuadas pelo Fradique d’ *A Correspondência* [...]. Literatura, (re)leitura e imaginação funcionariam como uma espécie de substâncias alucinogénias que permitiriam a vivência de estados muito parecidos com os daquele – personagem literária ou personalidade contemporânea de Doudan – que efectivamente esteve no local¹².

Deste modo, o leitor de Doudan encontra no seu epistolário referências aos mais variados destinos¹³, bem como detalhes sobre a sua localização geográfica, sobre os seus pontos de atracção cultural e paisagística¹⁴, sobre a História que “brota” desses locais. Este facto permite que algumas das cartas do amigo do duque de Broglie ganhem o estatuto de autênticos “guias turísticos”, uma vez que poderão servir para orientar o leitor quando viajar para esses locais ou criar nele vontade de os descobrir e conhecer. É por isso que, em certa medida,

¹² Numa outra perspectiva, a correspondência de Doudan faz-nos viajar pela História da França e da Europa, conhecer os acontecimentos políticos, militares, culturais e sociais que marcaram os quase três quartos de século da existência do preceptor da família Broglie. Muitas das cartas são autênticos testemunhos de quem viveu e sentiu os acontecimentos socio-políticos no próprio momento em que tiveram lugar: a guerra da Crimeia e o cerco de Sebastopol por tropas inglesas, francesas e turcas (em 1855); a Áustria sob Bismarck; a revolução italiana e a unificação da Itália; a partilha da Polónia; o combate na Dinamarca; o risco de perda da Alsácia e da Lorraine (que viriam a ser ocupadas pela Alemanha, entre 1871 e 1919 e entre 1939 e 1944); o cerco de Paris; o golpe de estado de 2 de Dezembro de 1865; etc.

¹³ Destinos esses que podemos agrupar em três categorias: locais para onde amigos ou correspondentes seus viajaram; locais para os quais determinado livro lhe chamou à atenção; e, mais raramente, locais onde ele próprio esteve ou está.

¹⁴ É neste âmbito que surge a alusão a monumentos, museus, paisagens naturais, ...

o leitor das cartas de Doudan será um potencial *touriste*, ávido de conhecer outros países, outras civilizações, outras culturas. O Fradique eciano e, por conseguinte, o Fradique de Agualusa poderiam eles próprios ter colhido, nalgumas missivas, informação útil para as suas “diásporas”, visto que estas duas aparições do dândi erudito e cosmopolita correspondem à afirmação plena do “*touriste*”: em ambos os casos, associa-se à viagem do intelecto, a viagem física; a apresentação quase exclusivamente teórica dos roteiros turísticos dá lugar a uma vivência/prática efectiva e intensa de viagens, sendo de registar como denominador comum às duas modalidades de “viagem” a grande abundância dos locais “visitados”.

Pese embora o modo similar como Eça e Agualusa aludem à faceta de viajante incontrolável do carismático dândi, as deslocações do protagonista de *Nação Crioula* são espacialmente mais limitadas, porquanto a obra relata somente uma fase da vida da personagem. Este facto faz com que o texto de José Eduardo Agualusa seja profícuo em topónimos bastante específicos da geografia de Angola e do Brasil (e em vocábulos intrinsecamente associados e associáveis a realidades da cultura e da civilização africanas). De forma análoga, a viagem física de Doudan – também ela menos abrangente em termos espaciais – exige um saber mais detalhado sobre a geografia da França, da Suíça e da Itália. Pelo contrário, a descrição da viagem levada a cabo pelo “herói” do texto queirosiano fica mais à superfície, não se prende a tantos detalhes, refere-se a aspectos mais gerais, facto que resulta do percurso transnacional e universalista das jornadas implementadas pela personagem.

A este propósito, parece-nos oportuno referir que os encontros e desencontros do narrador-biógrafo com o Fradique eciano são quase sempre o resultado da “diáspora” deste pelos quatro cantos do mundo. O narrador conheceu o excêntrico Fradique no Hotel Central, aquando do seu regresso de uma “viagem à África Austral” (Queirós, s/da: 7). A tentativa do narrador-editor, e de J. Teixeira de Azevedo¹⁵ o surpreenderem acaba por sair frustrada devido à

¹⁵ Caricatura de Jaime Batalha Reis, que utilizaria esses nomes de sua família como pseudónimo.

partida do dândi para Marrocos. O narrador das “Memórias e notas” – propositadamente confundido com o próprio Eça – reencontra-se com Fradique no Cairo e toma logo conhecimento das suas viagens passadas e futuras:

Durante o curto e doce momento que ali conversámos soube que Fradique chegara havia uma semana de Suez, vindo das margens do Eufrates e da Pérsia, por onde errara como nos contos de fadas, um ano inteiro e um dia; que tinha um *debarieh* com o lindo nome de “Rosa das águas”, já tripulado e amarrado à sua espera no cais de Boulak e que nele ia subir o *Nilo*, até ao Alto Egipto, até à Núbia, ainda para além de Ibsambul. (*idem*: 35)

Após esta longa viagem, o Fradique eciano permaneceu alguns anos na Europa Ocidental, mas “retomado pela ‘bisbilhotice etnográfica’ [...] começava a sua longa viagem ao Brasil, aos Pampas, ao Chile e à Patagónia” (*idem*: 53) e, posteriormente, “às ilhas do Pacífico” (*idem*: 56). O turista Fradique foi, além disso, “quatro vezes ao Oriente” (*idem*: 76), onde empreendeu uma “aventurosa e áspera peregrinação pela China, desde o Tibete [...] até à Alta Manchúria” (*idem*: *ibidem*); na Rússia, permaneceu “prolongados meses pelas províncias rurais de entre o Dnieper e o Volga” (*idem*: 77) e foi até às minas de prata de Nerchinski (na Sibéria); na África Austral, deambulou “desde o Cabo até aos montes de Zokunga...” (*idem*: 77).¹⁶

O *remake* pós-colonial de Fradique terá recuperado do seu modelo o “vasto curiosoar deambulatório, que [...] teve por perímetro a terra toda” (Figueiredo: 160), como comprova, por exemplo, a “peregrinação” de que a personagem dá conta em carta remetida, no interior da ficção, a Eça de Queirós:

Estou agora no Rio de Janeiro, e embarco segunda-feira para Lisboa, onde

¹⁶ O itinerário e as deambulações de Fradique lembram-nos o próprio Eça de Queirós, que também esteve no Egipto, para assistir à abertura do canal Suez; dessa visita terá resultado o livro *O Egipto*. Além disso, Eça passou a maior parte da sua maturidade no estrangeiro — tendo sido cônsul em Havana, Bristol e Paris — e sempre revelou curiosidade por civilizações ditas estranhas, bizarras ou curiosas, ou seja, sempre denotou a mesma “bisbilhotice etnográfica” de Fradique.

tenciono permanecer um mês ou dois antes de seguir para Paris e depois para Londres. (Aqualusa: 99)

Embora a viagem de Doudan fique muito aquém da escala planetária do trajecto fradiquiano nas obras de Eça e Aqualusa, para aquele espírito sensível, atormentado pelo fantasma da doença, tudo contribui quase obsessivamente para recordar as suas visitas à Itália e à Suíça – as leituras, a ida aos museus, a escrita das cartas, etc –, muitas vezes em emaranhadas divagações do espírito, em que se passa de uma lembrança a outra sem ligação aparente¹⁷. É o que acontece, por exemplo, numa passagem, retirada de uma carta ao seu amigo Raulin, em que, no mesmo parágrafo, Doudan “viaja” da Itália à Suíça e “regressa” a França:

Après tout, vous avez raison, puisque vous êtes à Paris, de vous enfoncer dans cette solitude de la galerie du Louvre, du côté de l'école italienne. Quand je vais de ce côté, je me crois encore dans mes belles églises de Lucques et de Gênes; il ne manque que des moines et du soleil; mais vous nous rendrez les moines, et eux nous rapporteront-ils le soleil? Quoi que j'en dise, un moine me fait plaisir à voir; il me rappelle le pont de Fribourg, ou bien les petites rues de Suze, au pied du mont de Cenis, ou bien la grotte de Pausilippe. Ils se mêlent très mal à propos dans mon esprit avec le lac d'Albano et la mer de Sicile, et le Colisée, et les safrans, et toutes les fleurs qui couvraient encore les pentes des montagnes qui descendent dans le golfe de Pœstum, quand je les vis à la fin de l'hiver. (*ML*, I: 424-425)

Por vezes, a imaginação de Doudan, que ele diz ser a sua “belle maîtresse” (*ML*, II: 136), leva-o a viajar pelos mais variados destinos, na companhia de conhecidas figuras literárias, parecendo, como

¹⁷ Ele próprio reconhece que a associação de ideias no espírito do homem é “un drôle de chapelet, et quand on en prend un grain, on ne sait trop celui qui viendra après” (*ML*, I: 425) e que não conduz a qualquer conclusão: “*Ex nihilo nihil*” (*idem, ibidem*). “Quand les juifs ont traversé d'Égypte en Palestine, ils ont changé cent fois d'idoles, suivant le hasard, la couleur du temps, et la bonne ou mauvaise société qu'ils rencontraient dans cette route difficile qu'ils suivaient. L'imagination est comme les juifs, et comme Sainte-Beuve, qui n'est pas juif” (*ML*, I: 310).

Fidelino de Figueiredo reconhece de si próprio, não distinguir muito bem literatura e vida (cf. Figueiredo: 160-161):

[...] moi, pauvre hère, qui ne trouve du bonheur que dans ma tête; j'arrange autour de moi des scènes délicieuses, des voyages, des aventures où je joue un si beau rôle! Me voilà me promenant au bord du Tibre avec Corinne; j'erre dans les belles solitudes de l'Amérique avec Atala; Malvina m'appelle au fond de l'Écosse; je tonne à la tribune révolutionnaire avec Louvet; tous les périls m'entourent, mais l'amour de Lodoïska m'en paye avec usure. Il ne manque à tout cela qu'un peu de réalité, et tout irait si je ne me réveillais au bout de quelques heures devant des feuilles de papier qu'il faut noircir de niaiseries qui feront peut-être lever les épaules. (*ML*, I: 131-132)

Ainda que a digressão posta em prática pelas duas personagens fictícias em estudo seja semelhante em termos de dimensão ou escala, a reacção do protagonista de *Nação Crioula* à viagem é diversa do comportamento manifestado pelo dândi queirosiano. Na verdade, enquanto o Fradique de *A Correspondência* permanece, tal como Phileas Fogg – da obra de Jules Verne –, fisicamente inalterável no decurso das suas viagens¹⁸, o viajante-epistológrafo reinventado por Agualusa afasta-se da serenidade e da imperturbabilidade do herói eciano. Um acontecimento bastante expressivo desta ausência de impassibilidade ocorre quando a personagem encontra, no camarote do navio no qual fazia a travessia entre o Rio de Janeiro e Lisboa, uma mala idêntica à sua com a cabeça do velho Cornélio, seu ex-escravo, o que provoca em Fradique “intenso horror” (Agualusa: 106):

Abri-a, nervoso, e o que vi tirou-me o fôlego: olhando directamente para mim, com frios olhos de vidro, estava a cabeça empalhada de um homem negro! (...) Voltei a fechar a mala. Parecia-me aquilo um pesadelo sórdido (...) (*idem: ibidem*)

¹⁸ O Fradique da obra eciana revela-se impassível até perante o clima, visto que “Todo o sol do Mar Vermelho e das planícies do Eufrates não lhe tostara a pele láctea” (Queirós, s/da: 35).

De forma similar, Doudan revela-se fisicamente vulnerável às vicissitudes da viagem, pois, quando, em 1850, se desloca a Trouville e a Dieppe, onde toma banhos de mar, só ganha nevralgias e uma irritação no estômago.

As assinaláveis diferenças que constatámos ao longo deste artigo, relativamente à modalidade e à escala das viagens praticadas pelos três vultos em análise, decorrem da finalidade e do momento da sua concepção/existência.

A viagem do Fradique eciano resulta de uma curiosidade intelectual que o impulsiona a alargar o seu espírito, a ter acesso a novos costumes, civilizações, culturas, histórias, religiões, filosofias e gentes diversas. Este facto faz com que o dândi eciano seja acusado de ser um *touriste* das ideias, um diletante intelectual.

No caso do herói de Agualusa, a viagem deixa de ser um exercício de elegante cosmopolitismo para se transformar em errância pelo Atlântico. A transposição desta personagem para os trópicos e a sua movimentação no triângulo inter-continental representado por Portugal (e Europa), Angola e Brasil servem, não para delinear uma faceta de dândi cosmopolita neste “ocioso e irresponsável aventureiro” (*idem*: 125) – tal como se verificava no Fradique eciano –, mas para revelar as suas preocupações filantrópicas relativamente à escravatura e a sua visão fortemente crítica da sociedade angolana/luandense (sinédoque da sociedade africana) e da colonização portuguesa no continente africano. A deslocação de Fradique para Angola permite torná-lo um observador crítico do comércio negreiro (já ilegal na época), uma vez que Luanda era o porto de embarque dos escravos africanos exportados para o Brasil. Nação Crioula designa o último navio negreiro na rota Angola-Brasil e esta derradeira viagem assume uma força simbólica muito significativa ao transportar clandestinamente dois ícones da identidade crioula: o abolicionista Fradique e a ex-escrava, sua esposa, Ana Olímpia.

Para Ximénès Doudan, a modalidade de viagem por ele concretizada seria apenas uma forma de ressarcir a sua *rage d'apprendre* e o seu amor pelo pormenor, ao mesmo tempo que atenuava o tédio existencial.

Procuremos, por fim, justificar os pontos de afastamento entre os três epistológrafos-viajantes, tendo em conta o momento da sua criação.

Enquanto o Fradique eciano é uma personagem concebida, no final do século XIX, em contexto colonial e que o autor pretende apresentar como um hiper-dândi, um distinto *gentleman* e um viajante erudito e cosmopolita, o pastiche pós-moderno apresentado pelo escritor angolano – embora continue biograficamente inserido no período oitocentista – foi recriado em contexto pós-colonial, o que faz com que o autor lhe transmita as suas preocupações relativamente a essencialismos e fórmulas de exclusão e o transforme numa “voz de alerta contra a servidão humana” (Jorge, 2001a: 367).

Por outro lado, as discrepâncias existentes entre os dois vultos ficcionais e o discreto Doudan resultam, sem dúvida, do diferente estatuto estético-ontológico e dos momentos culturais distintos em que aparecem inseridos. Na verdade, se o Fradique eciano e o Fradique de Agualusa surgem na qualidade de personagens imaginárias, intencionalmente criadas e inseridas no período finissecular, Doudan é uma figura pública verídica que viveu no contexto histórico da França, tendo assistido a momentos importantes que marcaram a vida do seu país durante grande parte do século XIX. Como poderia esta figura proveniente de um nível ôntico diferente igualar as digressões de duas personagens inventadas e condensar na sua “existência” peripécias típicas de um super-herói dândi?

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, Graça (2004), “História, texto, devir: reescrevendo impérios”, in *Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada: Estudos Literários / Estudos Culturais (2001)*, volume I, Évora, Universidade de Évora/APLC.
- Agualusa, José Eduardo (1997), *Nação crioula. A Correspondência Secreta de Fradique Mendes*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Baudelaire, Charles (1968), *Œuvres Complètes*, Paris, Seuil.
- Brasil, Ubiratan (2007), “A volta de Nação Crioula, 10 anos depois”, in *O Estado de São Paulo*, Caderno 2 [14/02/2007, versão digital online].
- Dacal, Ernesto Guerra (1981⁴), *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, Coimbra, Livraria Almedina.

- (1994⁴), “Fradique Mendes”, in *Dicionário de Literatura (Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária)*, Porto, Livraria Figueirinhas.
- Doudan, Ximénès (1876) *Mélanges et Lettres* (avec une introduction par M. Le Comte d’Haussonville et des notices par MM. de Sacy Cuvillier-Fleury), 4 vols., Paris, Claman-Lévy Éditeur.
- (1879), *Lettres*, 2 vols., Paris, Calmann-Lévy Éditeur.
- Figueiredo, Fidelino de (1945), *I Centenário do Nascimento de Eça de Queiroz (1845-1945)*, “...um pobre homem da Póvoa de Varzim...”, Lisboa, Portugália Editora.
- Fonseca, Maria Nazareth Soares (2001), “Fradique Mendes nas rotas do Atlântico Negro”, in *Os centenários: Eça, Freyre e Nobre* [org. Marli Fantini Scarpelli, Paulo Motta Oliveira], Belo Horizonte, FALE/UFMG.
- Jorge, Sílvio Renato (2001a), “Fradique Mendes em viagem: Eça de Queirós e José Eduardo Agualusa”, in *Os centenários: Eça, Freyre e Nobre* [org. Marli Fantini Scarpelli, Paulo Motta Oliveira], Belo Horizonte, FALE/UFMG.
- (2001b), “Uma trama de referências: o Fradique Mendes de *Nação Crioula*”, in *Metamorfoses* [Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros, Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras], Universidade Federal do Rio de Janeiro / Lisboa, Cosmos.
- Leal, Maria Luísa (2000), “Recyclage culturel d’un voyageur: œuvre révolutionnaire, littérature postmoderne et postcoloniale”, in *As Rotas do Multiculturalismo: Escritos de Viagem e Pós-Colonialismo*, Lisboa, Edições Cosmos/Associação Internacional de Literatura Comparada.
- (2002), “Carlos Fradique Mendes: de Eça aos romances do Século XX”, in: *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos. IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Livraria Almedina.
- Lima, Isabel Pires de (2000a), “Fradique e o Dandismo”, in *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho.
- (2000b), “Eça Hoje: diálogos ficcionais”, in *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n.º 9-10, Abril-Setembro de 2000, Lisboa, Instituto Camões, pp. 134-146.
- Machado, Álvaro Manuel/Pageaux, Daniel-Henri (2001³), *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, Lisboa, Editorial Presença.

- Matos, A. Campos (1993), “Influências de Ximénès Doudan n’A Correspondência de Fradique Mendes”, in *Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração*, n.º 5/6, Baião, Associação dos Amigos de Eça de Queirós.
- Monteiro, Ofélia Paiva (1993), «Sobre a excentricidade humorística de Fradique», in: *Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração*, n.º 5/6, Baião, Associação dos Amigos de Eça de Queirós.
- Neto, Francisco Sousa (2003), *Aspectos do Dandismo Oitocentista. Ecos das «Mélanges et Lettres» de Ximénès Doudan n’«A Correspondência de Fradique Mendes» de Eça de Queirós*, Coimbra, tese de mestrado policopiada.
- Piedade, Ana Nascimento (2003), *Fradiquismo e Modernidade no último Eça (1888-1900)*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- (2008), *Outra Margem. Estudos de Cultura e Literatura Portuguesas*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Queirós, José Maria Eça de (s/da), *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Edição «Livros do Brasil».
- (s/db) *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Edição «Livros do Brasil».
- (1973), *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas*, Porto, Lello & Irmão – Editores.
- (2008), *Correspondência*, organização e anotações de A. Campos Matos, 2 vols., Lisboa, Caminho.
- Reis, Carlos/Milheiro, Maria do Rosário (1989), *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Schmidt, Simone Pereira (2007), “Oropa, França e Bahia ou quando as madames viajam”, in *UniLetras*, Ponta Grossa, UEPG.
- Silvestre, Osvaldo Manuel (2002), “Um turista nos trópicos: o dever pós-colonial de Fradique Mendes”, in *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos. IV Encontro Internacional de Queirosianos (2000)*, Coimbra, Livraria Almedina.
- Simões, Maria João Albuquerque Figueiredo (1987), *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de estratégias epistolográficas*, Coimbra, tese de mestrado policopiada.
- Thérive, André (1927) “Le Bourgeois Doudan”, in *Du Siècle Romantique*, Paris, Éditions La Nouvelle Revue Critique.
- Witmeur, Claire (1934), *Ximénès Doudan, sa vie et son œuvre*, Liège/Paris, Faculté de Philosophie et Lettres/Librairie E. Droz.